

ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

História Literária do Porto através das suas publicações periódicas



Afastado compulsivamente da cátedra de Histologia, Abel Salazar ocupava o tempo numa extraordinária actividade.

Além de uma copiosa produção artística, sob variadas formas, enchia febrilmente muitas páginas de numerosas publicações periódicas.

O *Sol Nascente* torna-se, deste modo, a sua revista. Embora sem imposição, orientava a publicação através do seu grupo juvenil, mas sobretudo, por intermédio de J. Soares Lopes, a quem estimava particularmente e com quem mantinha larga correspondência de íntima camaradagem. Confessava-lhe a intenção de fazer do *Sol Nascente* um órgão de combate, com gente nova empenhada numa revolução cultural, que o momento histórico impunha, advertindo, porém, que se deveria «evitar um revolucionarismo estereotipado».

Abel Salazar pretendeu estimular o ambiente intelectual do Porto, não só com a revista, cuja influência deveria competir com a do jornal *O Diabo*, publicado em Lisboa, mas também criando uma biblioteca para os jovens estudiosos, congregados à volta da revista, que servisse de ponto de encontro, centro de discussão e influência, procurando oportunidades para a revelação de novos valores. Todavia este projecto não chegou a realizar-se.

Pretendia, além disso, assumir um papel conciliador para obter a união dos colaboradores, indispensável à sobrevivência da revista, e manifestava o desejo de que ela se não afastasse da orientação que o núcleo inicial lhe dera e a que ele aderira com tanto entusiasmo.

Mas Abel Salazar, pela sua grande categoria intelectual, era não só o mentor do grupo do *Sol Nascente* mas também o seu mais operoso colaborador. Não há número da revista sem um artigo seu, versando os temas que lhe eram predilectos, além de um longo trabalho – «A Crise Europeia» – que se prolongou por muitos números e foi depois reunido em volume.

Abel Salazar redigia duas secções de grande interesse: «Revista das Ideias», que merecia uma atenção especial da censura, denunciada por numerosos cortes, e «Movimentos Científicos».

J. Soares Lopes é, dos nomes já citados, o de mais larga e significativa colaboração. Elementos do grupo redactorial encarregavam-se de uma secção de

comentários variados, onde afluíam referências e acontecimentos. Há secções de crítica, música (Eurico Tomás de Lima), arte (João Alberto), cinema (Manuel de Azevedo e Alves Costa). Na capa de cada número havia a reprodução de uma obra de um artista plástico. Encarregava-se da selecção Dominguez Alvarez que, além de trabalhos seus, deu a conhecer obras de Augusto Tavares, Joaquim Lopes, Camarinha, Dordio Gomes, Magalhães Filho, Abel Salazar e muitos outros.

[...]

Abel Salazar, embora prezasse muito a sua missão divulgadora, reage como verdadeiro cientista a esta crítica, e escreve:

«É exacto, por exemplo, que alguns dos meus artigos não foram suficientemente revistos, que não têm uma unidade perfeita de desenvolvimento, que são, por vezes aqui e além excessivamente condensados, que o assunto me apaixona e arrasta para fora do campo da vulgarização, que alguns desses artigos flutuam indecisos entre a vulgarização e o trabalho original, que um certo nervosismo se reflecte neles».

No entanto, na polémica seguinte com António Sérgio, também a propósito dum excesso de entusiasmo por uma teoria – desta vez o Neopositivismo da Escola de Viena – e estando em causa o conceito de divulgação e a sua prática, Abel Salazar já não mantém a mesma isenção nem a autocrítica dignificante.

O interlocutor é, agora, muito diferente. Experimentado e duro polemista, é mentor não só de um sector juvenil mas de uma larga e importante camada de intelectuais.

A polémica representava divergentes orientações das duas personalidades em causa, com grande influência dos elementos que incitavam um e outro.

É um acontecimento importante e complexo que se alongou e alastrou para *O Diabo* e a *Seara Nova* e merece um cuidadoso estudo.

Ressalta, porém, no *Sol Nascente*, o lamentável antagonismo pessoal de que é suficiente exemplo de chocante exagero o título de um dos artigos de Abel Salazar – «O "Bluff". António Sérgio».

O OCASO DO PRIMERO SOL

Abel Salazar, com um sentido prático pouco vulgar num sábio artista, recomendava ao seu amigo Soares Lopes a maior atenção para a administração da revista.

Revista de público jovem, de muitos estudantes com pouco dinheiro e em frequentes mudanças de residência, verificavam-se muitas faltas de pagamento de assinaturas. Daí o estado deficitário crónico em que a revista ia subsistindo.

O *Primeiro de Janeiro* anulou uma ou outra factura da tipografia, e os «rapazes» do *Sol Nascente*, o Rafael Silva e o Carlos Espáin, que nos ajudaram nesta *História da Publicação*, lembram a solidariedade dos camaradas anarquistas traduzida em contribuições que nunca eram negadas – nomeadamente de Correia de Sousa e de um talhante da Foz, Manuel Pinheiro. E recordam o episódio pitoresco dos anéis do Dilermando Marinho, que foram parar ao «prego» para manter o *Sol Nascente*.

O ambiente de dificuldade económica era propício a uma mudança.

A proposta partiu de um grupo de Coimbra constituído por **Joaquim Namorado**, Fernando Pinto Loureiro (que usava o pseudónimo de «Rodrigo Soares») e Jofre do Amaral Nogueira, este último, o emissário.

Além da oferta de uma situação de estabilidade económica, o grupo de Coimbra não escondia o projecto de dar uma nova orientação à revista, servindo de pretexto a falta de interesse na colaboração dos velhos republicanos históricos, como Jaime Cirne.

Contavam com a adesão de alguns colaboradores – **Afonso Ribeiro**, Armando Martins, Mário Dionísio e até de elementos directivos – Manuel de Azevedo e Carlos Barroso.

Com a nova orientação, ficava comprometido o princípio básico da união das diversas correntes de opinião contra o regime, em acção de esclarecimento e divulgação cultural.

Daí, uma dissidência logo marcada pela saída do elemento directivo em que esse princípio de unidade existia em plena coerência com o ideal libertário – José Soares Lopes.

Sem mudança de numeração, com a mesma tipografia e ainda nominalmente com a mesma redacção, sai o nº 27 do II Ano, com a data de 1 de Abril de 1938.

É, no entanto, um novo *Sol* que nasce em Coimbra.

***História Literária do Porto através das suas publicações periódicas*, Alfredo Ribeiro dos Santos, Porto, Edições Afrontamento, 2009, pp. 332-335.**